

GLEISON CAMPOS DE OLIVEIRA

**PANORAMA DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO PÓS-CRISE DE 2008:
ANÁLISE E PERSPECTIVA**

Monografia apresentada ao curso de Administração do Instituto de Ensino Superior “Presidente Tancredo de Almeida Neves” – IPTAN – como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Administração, sob a orientação do Prof. Msc. Leonardo Henrique de Almeida e Silva

SÃO JOÃO DEL - REI

2013

GLEISON CAMPOS DE OLIVEIRA

**PANORAMA DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO PÓS-CRISE DE 2008:
ANÁLISE E PERSPECTIVA**

Monografia apresentada curso de
Administração do Instituto de Ensino Superior
“Presidente Tancredo de Almeida Neves” –
IPTAN – como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Administração.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador: Prof. Msc. Leonardo Henrique de Almeida e Silva

Prof. Esp. Simone Pádua Torres

Prof. Esp. Márcio Lobosque Senna Neves

AGRADECIMENTOS

Inicialmente aos meus pais José e Nilza, pelos ensinamentos e por terem lapidado meu caráter me mantendo sempre nos melhores caminhos.

Ao meu orientador, o professor Leonardo Henrique de Almeida e Silva, pelo exemplo de sabedoria, persistência e humildade.

A todos os professores do curso de Administração pela capacitação, dedicação e preocupação em formarem profissionais capacitados para o mercado de trabalho.

Aos colegas de classe pela amizade e cumplicidade, em especial aos grandes amigos Bráulio e Ezequiel.

A minha namorada Evelyne, que tantas vezes abdicou de momentos de lazer ao meu lado, sempre me dando forças para o alcance de um objetivo tão importante em minha vida.

Dedico este trabalho a toda minha família,
e a todos que de alguma forma
contribuíram para essa pesquisa.

RESUMO

O trabalho realiza uma análise do comércio exterior brasileiro no período de 2007 a 2012. No ano de 2008 a economia brasileira veio a ser impactada por uma crise financeira global, que acabou por afetar o comércio internacional. A crise iniciou-se na economia norte-americana e posteriormente se estendeu para o mundo todo. Esta pesquisa monográfica tem o propósito de analisar o período em questão demonstrando as características do setor e comentar as perspectivas para o comércio exterior brasileiro nos próximos anos. Iniciando com tópicos fundamentais de comércio internacional, apresentando as características da crise, os reflexos trazidos por ela no comércio exterior brasileiro e finalizando com perspectivas do setor para o período que sucede o ano de 2012. Mesmo sentindo os efeitos da crise global, a economia manteve-se em crescimento no primeiro momento. No ano de 2009 o Brasil sentiu os efeitos da crise, mas logo conseguiu se recuperar devido as estratégias econômicas admitidas, que foram eficazes para diminuir os efeitos da crise.

Palavras-chave: economia brasileira; comércio exterior brasileiro; comércio internacional; crise global.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Queda da produção industrial dos EUA

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Vantagem comparativa

Quadro 02 – Redução de tarifas de importação brasileiras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 TÓPICOS FUNDAMENTAIS SOBRE COMÉRCIO INTERNACIONAL	11
1.1 Conceito.....	11
1.2 Teorias de comércio internacional.....	12
1.2.1 Teoria da vantagem absoluta.....	12
1.2.2 Teoria da vantagem comparativa.....	13
1.3 História.....	14
1.4 O processo de globalização.....	16
1.4.1 A globalização financeira.....	18
1.5 O Brasil e a abertura comercial na década de 1990.....	19
2 OS EFEITOS DA CRISE MUNDIAL DE 2008 NO COMÉRCIO EXTERIOR	23
2.1 A eclosão da crise imobiliária nos Estados Unidos.....	23
2.1.1 Impactos na economia norte-americana.....	24
2.2 Efeitos nas relações comerciais entre países.....	27
3 CARACTERÍSTICAS DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2007 A 2012	31
3.1 Dados do comércio exterior brasileiro no período.....	31
3.2 Principais produtos das pautas de importação e exportação	33
3.3 Perspectivas para o setor nos próximos anos	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

A globalização favoreceu uma maior interação entre os países fazendo com que se concretizasse um aumento significativo nas relações comerciais, possibilitando a ampliação do comércio exterior. Este, desde então, passou a ser um dos pilares da economia de um país, impactando diretamente na balança comercial e refletindo no crescimento econômico global. Há alguns anos o Brasil alcançou uma estabilidade econômica e desenvolveu novas relações comerciais, expandindo seu mercado e beneficiando sua posição na economia mundial.

Porém, torna-se imprescindível aos governantes do país estarem atentos ao que acontece não só no ambiente interno, mas também no externo, uma vez que os efeitos desta globalização podem surgir de forma negativa, e então exigir a necessidade de execução de medidas de defesa para diminuir os impactos. Uma crise como a que ocorreu no ano de 2008 na economia americana, por exemplo, reflete em todo o sistema mundial, ocasionando um recuo do crescimento econômico e refletindo na balança comercial brasileira.

Neste contexto, o problema de pesquisa deste estudo busca identificar quais as principais consequências da crise econômica global sobre o comércio exterior brasileiro no período de 2007 a 2012? E as perspectivas para os próximos anos são positivas ou negativas?

A crise econômica de 2008 causou efeitos em todo o mundo fazendo com que o comércio internacional fosse seriamente afetado. O trabalho em questão apresenta a importância do comércio exterior para o Brasil e o panorama do setor em determinado período, analisa os impactos que são causados pela crise econômica e aborda perspectivas para os próximos anos. A pesquisa traz esclarecimentos ao meio acadêmico e ao discente expondo a relevância do setor para que o Brasil tenha uma economia que seja referência mundial. O trabalho também servirá como fonte de pesquisa para interessados na economia voltada para o comércio exterior e demais pesquisadores do assunto.

Esta pesquisa monográfica possui por objetivo geral analisar as características do comércio exterior brasileiro no período de 2007 a 2012, e comentar perspectivas para o setor nos próximos anos. Bem como, através dos objetivos específicos abordar as teorias de comércio internacional e a história do

comércio exterior brasileiro; demonstrar as características da crise mundial de 2008, e seus impactos na balança comercial brasileira; analisar os principais indicadores do comércio exterior brasileiro no período de 2007 a 2012, tais como valores em dólares, principais parceiros comerciais e produtos mais importantes das pautas de importação e exportação e, por fim, apresentar e discutir as perspectivas para o comércio exterior brasileiro nos próximos anos.

A realização deste estudo monográfico se desenvolve através de pesquisas sobre o comércio exterior, fundamentando-se em livros de Economia, sites de órgãos do governo, como Banco Central e Ministério do Desenvolvimento, publicações encontradas nos principais jornais do país, de forma a analisar a crise, suas causas e efeitos na economia brasileira. Com isso, absorvendo conteúdo para avaliar o comércio exterior brasileiro, traçando perspectivas do setor para anos posteriores visando com isso alcançar o objetivo principal deste estudo.

O primeiro capítulo apresenta o comércio exterior demonstrando a importância do setor para o crescimento econômico mundial. Para atingir este objetivo, o capítulo em questão expõe conceitos, a história do comércio internacional, os efeitos da globalização e a abertura comercial na década de 1990 pelo Brasil, que permitiu uma melhor interação do país com os demais.

Já o segundo capítulo demonstrará os efeitos da crise econômica mundial no comércio exterior, especificamente a ocorrida no ano de 2008 na economia americana. O mesmo irá expor o que ocasionou a denominada bolha imobiliária, os impactos na economia dos EUA e as demais economias bem como as consequências trazidas por ocasião dessa instabilidade às relações comerciais entre os países.

Por fim, o último capítulo apresentará as características do comércio exterior brasileiro no período de 2007 a 2012, para que seja avaliado como a economia nacional se portou frente à crise mundial. Para a realização desta análise, o capítulo trará dados do comércio exterior no período, demonstrando os produtos mais importantes das pautas de exportação e importação, exibindo os reflexos da instabilidade global na economia brasileira e concluindo com análises de perspectivas para os próximos anos do setor.

1 – TÓPICOS FUNDAMENTAIS SOBRE COMÉRCIO INTERNACIONAL

O primeiro capítulo faz uma abordagem de fatores importantes sobre comércio exterior, como por exemplo, conceito; as teorias de comércio internacional; a história; o processo de globalização e a abertura comercial iniciada na década de 1990 pelo Brasil. O capítulo visa apresentar o comércio internacional de forma a fundamentar o trabalho em questão.

1.1 – Conceito

O comércio internacional ou comércio exterior conceitua-se como troca de bens e serviços através das fronteiras dos países. “Historicamente, os países tem mantido relações comerciais, fundamentalmente porque não poderiam produzir todos os bens de que necessitavam” (TROSTER e MOCHÓN, 1999, p.271). Nos dias atuais devido à carência de bens que não podem ser produzidos em determinados nações, as trocas ultrapassam os limites dos países tornando o comércio de âmbito internacional. Ainda segundo Troster e Mochón (1999, p.271), “O comércio internacional consiste no intercâmbio de bens, serviços e capitais entre os diferentes países”.

O desenvolvimento de setores, como o de transporte que facilitou o deslocamento dos produtos em diversas áreas, a instauração de políticas de desenvolvimento industrial, favorecendo as empresas na produção e tornando a indústria mais competitiva e ainda a globalização, que teve seu desenvolvimento mais acentuado a partir do ano de 1980 e impactou diretamente na interação entre os países, tiveram efeito importante para que esse comércio ascendesse. Segundo Castro (2005, p. 45):

Mediante trocas externas, as diversas economias funcionam de maneira a complementar-se, cabendo a cada uma produzir em excesso, sobre sua utilização ordinária certos bens e serviços que são trocados por produtos de que carece e que, por sua vez, correspondem a sobras relativas de outras economias.

Com isso, o mundo se complementa mediante a carência e os interesses de cada um dos países, além de que possibilita aos mesmos através de lucros fomentarem seu sistema econômico, adquirindo uma estabilidade assim proporcionando melhores condições de vida para a população. Duas teorias

explicam a existência e a necessidade do comércio exterior, evidenciando sua importância.

1.2 – TEORIAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL

Algumas questões envolvem os países de forma a propiciarem a existência do comércio internacional tornando-o necessário, dentre elas, as mais importantes estão associadas, “a desigualdades entre os países quanto a recursos naturais, diferenças em fatores climáticos de uma região ou outra, desigualdades nas disponibilidades estruturais de capital e trabalho e as diferenças do desenvolvimento tecnológico dos países” (NOGAMI e CASTRO, 2003, p.522). A chamada divisão internacional do trabalho surgiu dada a associação dessas razões, e duas teorias buscam explicar o comércio internacional.

1.2.1 – Teoria da vantagem absoluta

A teoria da vantagem absoluta desenvolvida por Adam Smith em 1776, aponta que os países devem concentrar esforços na elaboração de produtos que adaptam melhor, levando a uma produção em maior volume com menos trabalho, reduzindo custos e possibilitando então que depois de suprir o consumo interno, possa vender ou trocar o que restou por produtos de que tem necessidade. Segundo Nogami e Castro (2003, p.515):

Em 1776, Adam Smith publicou o tratado A Riqueza das Nações, quando, então, atacou o ponto de vista mercantilista a respeito do comércio, defendendo o livre comércio como a melhor alternativa para todas as nações. Adam Smith residia no fato de que cada nação poderia especializar-se na produção de mercadorias que ela produzisse com maior eficiência que as outras, ou seja, em que tivesse vantagem absoluta, e importar mercadorias em que tivesse desvantagem absoluta.

Assim, a partir dessa teoria os países produziriam em maiores quantidades os itens dotados da vantagem absoluta, existindo então a possibilidade do partilhamento por intermédio do comércio exterior com diversos países.

Racy (2006, p.40) define que,

Cada país pode exportar a mercadoria sobre a qual tem vantagem (usou menos recursos produtivos e por isso pode vender mais barato) e importar aquela em que tem desvantagem, obtendo uma quantidade total disponível das duas mercadorias que seria impossível sem o comércio.

Dessa forma além de custos mais baixos na produção consegue-se aumentar o lucro, e assim adquirir por intermédio do comércio o produto de que carece. Dessa forma ambas as partes com esse complemento tendem a ganhar.

1.2.2 – Teoria da vantagem comparativa

A teoria da vantagem comparativa analisa as diversas situações entre produção e a troca através do comércio internacional, comparando e estabelecendo quantias onde ambas as partes sejam favorecidas.

Nogami e Castro (2003, p. 517) afirmam que:

Coube a David Ricardo, no início do século XIX, explicar parte do comércio mundial, com a sua teoria da vantagem comparativa. Ricardo mostrou com sua teoria que não é necessária a existência da vantagem absoluta para que a especialização e o comércio sejam vantajosos. Ricardo afirmou que, ainda que uma nação apresentasse desvantagem absoluta na produção de ambas as mercadorias em relação à nação, o comércio seria vantajoso desde que se especializasse na produção e exportação do bem em que possui vantagem absoluta maior.

David Ricardo aponta então a importância da especialização na produção mesmo sem vantagem absoluta, e então o comércio do bem que se tem maior vantagem, Segundo Pinho e Vasconcelos (2005, p.437) as conclusões que são retiradas dessa teoria são:

Em primeiro lugar, a teoria afirma que duas nações tem relações comerciais quando apresentam custos de produção diferentes. Em segundo lugar, conclui que uma nação exportará sempre o produto que fabricar com custos relativamente menores do que o de outra. E, finalmente, com base nesses resultados, argumenta que o comércio entre duas nações é vantajoso para ambas.

Para melhor entendimento, Vasconcelos (2001, p.346) apresenta um exemplo:

Quadro 1– Vantagem comparativa

Quantidade de Homens/Hora para a produção de uma unidade de mercadoria	Tecido	Vinho
Inglaterra	100	120
Portugal	90	80

Fonte: Vasconcelos (2001, p.346)

Conforme o autor pode-se observar que em termos absolutos, Portugal é mais eficiente em ambas as mercadorias, mas em termos relativos o custo da produção de tecido é maior que o de vinhos, na Inglaterra ocorre o oposto obtendo custo na produção de vinhos maior que tecidos. Comparativamente, Portugal tem vantagem relativa na produção de vinho e a Inglaterra na produção de tecido.

A teoria da vantagem comparativa aponta que neste caso é interessante especializar na fabricação do bem em que se tem vantagem comparativa, exportando-a e importando a outra mercadoria, sendo vantajoso as duas nações. Essas teorias favoreceram a existência do comércio exterior tendo um papel importante história.

1.3 – História

A necessidade do ser humano de sobreviver fez com que ascendesse o consumo e conseqüentemente para tal a produção, o homem precisa para sua existência de alimentos, agasalhos e um lugar para se abrigar. Essas três necessidades chamadas primárias, no início da formação da sociedade eram indispensáveis para a sobrevivência humana. O que com o passar do tempo progrediu formando um leque de necessidades cada vez mais amplo, acompanhando o desenvolvimento da população. Segundo Maia (1997, p.25),

Para satisfazer todas as necessidades, o homem precisa obter bens, por exemplo, para acabar com a fome, ingere alimento. Ocorre que os alimentos encontrados na natureza tornam-se insuficientes. Isso obrigou a plantar, o que significa “produzir”. O homem, ao fazer suas roupas, realizou um processo de produção. Ao fazer um abrigo também produziu.

Iniciou-se então o processo produtivo e, junto, a expansão do consumo. Com o passar do tempo segundo Maia (1997, p. 25) “o ser humano percebeu que

era difícil produzir tudo o que precisava. Era mais fácil fazer dez coisas iguais do que sete diferentes”.

A divisão do trabalho, com a visão de que era difícil produzir tudo o que necessitava, fez com que o processo sofresse uma evolução, e o homem a partir deste princípio começa a produzir apenas um tipo de bem que precisava para seu consumo, possibilitando então a produção em maior quantidade, podendo suprir suas necessidades e então trocá-lo por outros bens de que necessitava. Ainda segundo Maia (1997, p.26) “a divisão do trabalho não só aumentou a produtividade como permitiu a melhora da qualidade. Esses dois fatos proporcionaram maior oportunidade de trocas”.

O comércio estava criado, e até então era regido entre habitantes da mesma região. Alguns produtos não se conseguiam cultivar em determinadas áreas, sendo assim era preciso buscá-los onde era propício sua produção e ou fabricação. Segundo Maia (1997,p. 26),

Em épocas pré-históricas, as trocas ocorriam entre habitantes da mesma tribo. Com a evolução do relacionamento humano, o campo de ação das trocas ampliou-se sucessivamente, para as cidades, nações e finalmente o mundo.

Conforme o autor, o que começou entre vizinhos de mesma tribo com o passar dos anos expandiu-se tomando grandes proporções. Com o comércio em desenvolvimento, o surgimento da moeda veio para facilitar as transações ou processos de trocas, foi algo importante que facilitou as negociações. No começo, moeda eram bens de aceitação mútua que serviam como intermediário, como por exemplo, gado, trigo, cevada e a bebida. “A esses eram determinados valores hipotéticos como exemplo uma porção de trigo valiam 5 doses de bebidas”(MAIA,1997,p.27).

Com o crescimento das necessidades e a formação de sociedades cada vez maiores, o fluxo de mercadorias passou a ter uma representação tão grande que o comércio deixava então de ser somente para suprir necessidades de consumo, tornando-se algo mais abrangente criando reservas de valor.

O comércio que até então era regional estendeu-se para nacional e então evoluiu em sua última fase, nascendo o chamado atualmente comércio internacional ou comércio exterior.

O comércio internacional passou por várias fases, e é tido como ferramenta importante para obtenção de lucro, fomentando o produto interno bruto dos países.

“De acordo com o Banco Mundial, entre 1994 e 2006, essa participação cresceu de 20% para pouco menos de 30% do PIB brasileiro. No mesmo período, a média mundial passou de 40% para cerca de 60% do PIB global” (CABRAL 2008, s.p.).

Com isso a redução de barreiras comerciais através de isenção ou restrição de impostos de importação e ou exportação trouxe benefícios não só a economia interna, mas também provocou uma alavancagem na economia mundial. Interagindo melhor os países aprimoram suas relações bem como as trocas internacionais.

Conforme Rossetti (2006, p. 838),

Nesses últimos 500 anos, desde a revolução comercial do século XVI, década após década, excetuando-se períodos de guerras, em que a estrutura e o peso dos fluxos econômicos internacionais sofrem descontinuidade, a tendência histórica tem sido o aumento relativo do grau de inserção das nações no sistema mundial como um todo.

Algumas razões impulsionam o comércio em questão e são um estímulo para o desenvolvimento econômico mundial. Ainda segundo Rossetti (2006, p. 838):

Existem três razões preponderantes: 1) os graus crescentes de especialização, que ampliam a teia do sistema mundial de trocas reais e financeiras; 2) a busca incessante por economias de escala mais eficientes e competitivas e 3) a maior diversidade da pauta mundial de produção, que exige cadeias internacionais de suprimentos mais complexas e intensas.

Segundo o autor essas razões evidenciam a maior possibilidade de produção de certos bens por determinados países, sendo as citadas determinantes para questões quanto à vantagem de algumas regiões em relação a outras, fazendo com que alguns países se destaquem, atraindo investidores, melhorando o desempenho da economia local e mundial. Outro fator de extrema importância para o desenvolvimento é a globalização.

1.4 – O processo de globalização

A internacionalização do comércio, das finanças e da produção é o fenômeno conhecido como globalização. É um fator de muita relevância para o desenvolvimento das relações comerciais e do comércio exterior, pois favorece a integração dos países. Para Brum (2005, p.72), “seu embrião pôde ser percebido há muito tempo na expansão do império romano há mais de dois mil anos. Quando Roma dominava toda a Europa e estabelecia o intercâmbio em diferentes áreas.”

Ainda segundo Brum (2005, p.72)

O termo globalização, embora tenha sido usado já na crise de 1929, só passou a integrar efetivamente o repertório vocabular na década de 1980. O fenômeno, no entanto, vem de mais longe. É um processo secular de aprofundamento das relações entre as nações e entre grupos econômicos ou empresas de um mesmo grupo.

Nos últimos anos os efeitos da integração das economias causados pela globalização se intensificaram, devido aos benefícios que a mesma traz para os países e, conseqüentemente, para o mundo como um todo.

Com a percepção da importância do setor os governantes passaram a explorá-la como uma ferramenta para gerar renda, uma vez que o comércio o qual ela favorece é muito lucrativo e de extrema importância para a estabilidade global. A queda de barreiras tarifárias proporciona uma maior inserção do país na economia global, com a criação de blocos econômicos, buscando alcançar um sistema econômico mundial integrado, funcionando de forma a se complementar. Rossetti (2006, p. 849) afirma que:

O processo de globalização intensificou-se nos últimos dez anos com base em um conjunto de pré-requisitos:

Integração: a consolidação dos processos de integração econômica e política das nações. Exemplo, NAFTA; MERCOSUL; UNIAO EUROPEIA.

Empresas transnacionais: o crescimento numérico e a maior expressão das empresas transnacionais na comunidade mundial dos negócios.

Tecnologia em áreas chave: o avanço tecnológico e a queda vertical dos custos em áreas chave para a atuação global, transportes; comunicações; processamento e transmissão de dados.

Desregulamentação e liberalização: a políticas públicas de desregulamentação e de liberalização, o crescente empenho dos governos nacionais em melhorar os padrões dos atributos construídos de competitividade, via maiores coeficientes de abertura a produtos a fatores reais e financeiros, em vez de proteger os mercados nacionais com medidas protecionistas.

Conforme o autor acima esse conjunto serviu de base para que se estabelecesse relações comerciais mais objetivas, de forma a favorecer o comércio externo influenciando diretamente no capital e no crescimento da economia mundial. A criação dos blocos econômicos como o Mercosul e União Europeia trouxeram maior integração facilitando o mercado entre os países envolvidos.

De um modo geral, a globalização trouxe benefícios para as diversas economias e para os consumidores. Com a abertura comercial os países passam a importar maior quantidade de produtos, o que ocasiona uma competição com as

empresas nacionais. Essa competição traz para o consumidor uma maior variedade de produtos, preços mais acessíveis além de um aumento significativo da qualidade.

Com a competição a nível internacional, as organizações precisam melhorar seus produtos e os custos para se manterem no mercado. Silva e Luiz (2003, p.197) afirmam que,

Para concorrer com o produto importado e não encerrar suas atividades, os produtores nacionais modernizam sua produção, procurando eliminar desperdícios e reduzir custos e, conseqüentemente, diminuir o preço ao consumidor.

Conforme os autores anteriormente citados, pode-se entender que a globalização aumenta a eficiência do sistema econômico, reduzindo preços dos produtos e elevando a quantidade, variedade e a qualidade dos bens dispostos ao consumidor.

Mas os efeitos não são apenas positivos e alguns problemas graves são percebidos no decorrer desse processo. Um dos que sem dúvida mais afeta o país é o desemprego, conforme Silva e Luiz (2003, p.197) “quando um país passa a importar bens que são produzidos internamente, da concorrência externa, num primeiro momento, diminui a produção nacional.”, com isso gerando uma instabilidade se não controlado, e devido ao fato de que com a interligação mundial uma instabilidade financeira em uma economia importante reflete no sistema como um todo, e nos últimos anos tem atingido com maior ênfase o setor financeiro.

1.4.1 – A globalização financeira

A evolução da globalização atinge todos os setores, dentre eles destaca-se o setor financeiro. Definida como um processo de interligação de mercados de capitais em níveis nacionais, levando ao aparecimento de um mercado único do dinheiro a escala mundial, para Brum (2005, p.75):

Três mudanças impulsionam a globalização financeira: a revolução nas telecomunicações possibilitando a criação do mercado 24 horas; o surgimento de novos atores, como os fundos mútuos de investimentos e os fundos de pensão; e a criação de novos instrumentos com a securitização¹ e os derivativos².

¹ Securitização: operação de crédito em que entram títulos como garantia de pagamento. Conversão de empréstimos e outros ativos em títulos ou obrigações que podem ser vendidos a investidores. UOL (2013, s.p.)

²

Essa globalização financeira tende a guiar o rumo das economias, se tornando um só mercado. As políticas de liberalização financeira foram admitidas na maior parte dos países desenvolvidos ou em desenvolvimento, o que ocasionou grande impulso ao processo de globalização do setor favorecendo a criação de um mercado único do dinheiro.

Com os avanços tecnológicos facilitando as telecomunicações, esse tipo de globalização criou um chamado mega-mercado. As negociações deixaram de exigir a presença de intermediários, como os bancos que realizavam o processo para seus investidores. Segundo Brum (2005, p.75),

Para os grandes investidores, os países são vistos apenas como oportunidades de fazer bons negócios- ou de não fazê-los. Não se preocupam com o país em si- sua soberania, sua história, seu povo ou sua cultura. Veem-no apenas sob a ótica do lucro.

Então, essa globalização atinge um patamar em que se pode definir que, “o capital não tem mais donos, os países não tem mais fronteiras e as transações são instantâneas”(BRUM, 2005, p.75). Com o mercado integrado e os agentes atuando individualmente, os efeitos da globalização financeira têm sido visto com certa restrição. Segundo Brum (2005, p.77)

A globalização financeira trouxe inquietude financeira para o mundo. Essa forma de investimento e sua velocidade de deslocamento de um país para outro começa a por em xeque as autoridades monetárias (os bancos centrais) e os governos dos países.

Com a alta circulação de capital especulativo, que não traz nenhum tipo de benefício para onde está investido, crescem as ameaças de instabilidade dos países que até então não conseguem controlar o fluxo desse tipo de investimento. A abertura da economia brasileira veio a sofrer com essa circulação de capital, mas foi um passo importante devido ao que posteriormente representou para a economia.

1.5 – O Brasil e a abertura comercial na década de 1990

No segundo semestre do ano de 1989, antes da eleição de Collor em 15 de março de 1990, era realizado em Washington, capital dos EUA, convocado pelo Instituto Internacional de Economia, uma reunião, que na prática era patrocinada pelo governo americano, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional. Souza (2007, p.199) afirma que “o objetivo explícito era analisar o panorama mundial e propor alternativas”. De forma a regular o comércio mundial, essa reunião produziu

um documento chamado “Consenso de Washington”, que se constituía de dez pontos.

Segundo Souza (2007, p.199), podia ser resumida em quatro, a saber:

1. A “abertura econômica”, isto é, o fim das barreiras protecionistas entre as nações;
2. A “desestatização”, isto é, a privatização das empresas estatais;
3. A “desregulamentação”, isto é, o fim das regras que limitam o movimento de capitais a nível internacional e ao interior de cada país, particularmente o especulativo;
4. A “flexibilização das relações de trabalho”, isto é, o fim dos direitos sindicais, trabalhistas e previdenciários, sobretudo nos países da América Latina.

Essa reunião resultou então no que passou a ser chamado de neoliberalismo, propondo liberdade total de mercado. Os efeitos da conduta neoliberal primeiramente favoreciam a interesses dos Estados Unidos, pois o país buscava encontrar novos mercados. Segundo Souza (2007, p.199),

O que visava o governo dos EUA com esse Consenso era, de um lado, encontrar mercados para as mercadorias e capitais excedentes de suas corporações e, de outro, suprir-se de força de trabalho e de matérias-primas baratas a fim de melhorar sua capacidade.

Com o Consenso, ainda segundo Souza (2007, p.200), “o objetivo primeiro dos EUA, com aquela proposta, era de ocupar o mercado da América Latina a fim de usá-lo como plataforma para confronto com União Europeia e Japão”. Os países latino-americanos foram aderindo um a um à abertura proposta pelo Consenso, com o Brasil adotando no ano de 1990 pelo presidente eleito Fernando Collor de Mello.

No plano econômico, o presidente Collor tinha como desafio o controle da inflação, diminuir a dívida externa e formular uma política econômica. Então como um método de controlar a inflação, Collor buscou estimular a abertura comercial com a isenção de tarifas de importação, eliminando barreiras não tarifárias como reservas de mercado, assim forçando as empresas brasileiras a manterem seus preços. Sousa (2007, p.203) afirma que:

Acelerou violentamente o processo de abertura da economia brasileira que já havia sido iniciado no final do governo Sarney. O objetivo imediato era favorecer a entrada de produtos estrangeiros a fim de evitar que as empresas nacionais aumentassem os preços. Mas divulgavam que, a longo prazo, o resultado seria ampliar a concorrência e promover a modernização da economia

Com a adesão de Collor ao Consenso, o Brasil iniciou uma abertura comercial objetiva, o que possibilitou a inserção no comércio internacional. A abertura comercial adotada propiciou a integração no âmbito internacional, podendo o país expor seus produtos buscando novos mercados, gerando renda e favorecendo a importação de produtos de que necessitavam, facilitando a introdução de novas tecnologias e maquinários para as nossas indústrias, incentivando o setor e melhorando a produção interna. Segundo Averbug (BNDES, 2013, p. 46):

Em 1990, foi instituída a nova política industrial e de comércio exterior, que extinguiu a maior parte das barreiras não- tarifárias do período de substituição de importações e definiu um cronograma de redução das tarifas de importação.

Com a nova política as taxas de importação reduziram drasticamente e o cronograma estabelecido no período do governo Collor, segundo Azevedo e Portugal (2013, p.4) foi o seguinte:

Quadro 2 – Redução de tarifas de importação brasileiras

	Ano	1991	1992	1993	1994	1995
Taxa Nominal Efetiva Legal	Média	25,3	20,8	16,5	14,0	12,6
Cronograma Previsto de Redução da Tarifa	Média	25,3	21,2	17,1	14,2	12,6

Fonte: Azevedo e Portugal (2013, p.4)

Essa medida facilitou o comércio tornando mais competitivo, a partir de 1991 com a criação do Mercado Regional da Zona Sul do Continente Americano constituído por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, a inserção ficou mais aparente e a situação do país com melhores perspectivas. “A implantação do MERCOSUL obedeceu a diversas etapas; inicialmente, seria estabelecida uma zona de livre comércio, depois uma união aduaneira e, finalmente o mercado comum com alta integração” (MAIA 1997, p.132).

Com a criação do bloco o Brasil passou a ter uma relação comercial a qual favorecia a produção interna em grande escala, com uma gama de produtos sendo exportados, segundo Maia (1997, p.132) “mudando o perfil econômico e político da América do Sul”.

A partir de 1994 o Brasil dá mais um importante passo para a abertura comercial, com o MERCOSUL integrando-se a União Europeia, o que fez com que as relações comerciais se ampliassem, trazendo as seguintes vantagens segundo Maia (1997, p. 140):

- Haveria uma ampla zona de livre comércio para produtos industriais e serviços;
- Permitiria uma liberação recíproca e progressiva nas trocas agrícolas;
- O Mercosul teria acesso ao know-how de integração, obtido pela UE através de sua longa experiência.

Com isso, o país dispunha de um mercado mais amplo, possibilitando maior fluxo de exportação e importação, aumentando suas reservas, tendo maior acesso a matérias primas e bens de capital internacional reduzindo custos de produção e ampliando seu mercado. Dessa forma estando o país com capacidade de suportar uma instabilidade econômica global, como por exemplo, a crise de 2008 que iniciou-se na economia americana no setor imobiliário.

2 – OS EFEITOS DA CRISE MUNDIAL DE 2008 NO COMÉRCIO EXTERIOR

A crise financeira que se desencadeou em 2008, nos Estados Unidos, a então chamada crise imobiliária, repercutiu em todo o globo desestabilizando diversas economias. Advinda de empréstimos oferecidos pelas financeiras e bancos, que aproveitaram o aquecimento do setor imobiliário, essas instituições disponibilizaram crédito a condições de financiamento favoráveis, sem nenhuma garantia de que os credores pudessem quita-las. Com a facilidade, vários americanos buscaram crédito para a aquisição de sua casa própria, mas na maioria das vezes essas pessoas não dispunham de condições para arcar com seus compromissos.

2.1– Características da crise imobiliária

No ano de 2008 surgiu na economia americana, uma crise que refletiu em todo o sistema econômico do mundo. A denominada bolha imobiliária surgiu no país devido ao aquecimento intenso do setor, investidores não só do país, mas do mundo todo, aplicavam recursos no segmento expandindo e facilitando o crédito para a maior parcela da população.

Os bancos emprestavam o dinheiro para os financiamentos e não aguardavam o pagamento das parcelas pelos credores, transformava a dívida em títulos e distribuía no mercado. Segundo Versignassi (2011, p.266):

O banco não transformava a dívida em um único título. Ele a quebra em vários “titulinhos”: transforma aqueles \$2 milhões em, vá lá, mil títulos que dão direito a receber \$ 2 mil e coloca todos a venda no mercado. Por \$1,5mil.

Isso tornou-se mais fácil e cômodo para os bancos, pois emprestavam o dinheiro e logo depois vendiam os títulos recuperando o valor emprestado com lucro, além de que não precisavam se preocupar com possíveis calotes. Ainda segundo Versignassi (2011, p.266) “nisso o risco do empréstimo fica espalhado entre vários investidores”.

Esses títulos ganharam o nome de *Collateralized Debt Obligations*, segundo Versignassi (2011, p.267) a tradução então, é “título de dívida com uma garantia por trás” (no caso, o imóvel é a garantia). Esses títulos foram vendidos a vários investidores que observavam o mercado cada vez mais rentável e seguro, como afirma Versignassi (2011, p.268),

Para completar, chineses, russos, árabes estavam com os bolsos cheios e viam os EUA como um porto seguro para aplicações financeiras. Num cenário desses, os *Collateralized Debt Obligations* caíram no gosto dos investidores. Afinal, eram garantidos por coisas realmente sólidas- as casas. E essas não abrem falência. Estam sempre lá, paradinhas.

Com o alto volume de crédito disponível a juros de 2% ao ano surgiram vários tomadores, que hipotecavam suas casas e na maioria das vezes investiam o dinheiro na compra de novos imóveis, uma vez que era um negócio rentável. Ainda uma segunda linha de crédito foi criada, e atendia pessoas que já possuíam um histórico de inadimplência, cobrando juros mais elevados desses por não deterem muitas garantias, a chamada “subprime”. Segundo artigo publicado por Rebouças(2013, s.p.):

O mercado imobiliário ficou aquecido, mas com o aumento dos juros, muitos mutuários por não terem condições de pagar, entregaram seus imóveis, começou a sobrar imóvel no mercado, gerando baixa do preço dos mesmos.

Com a grande quantidade de imóveis e os preços reduzidos, as financeiras que estavam ali para obterem grandes lucros, começaram a sofrer com a inadimplência e já não conseguiam cumprir suas obrigações. O site UOL (2008, s.p), “com medo, os bancos dificultaram novos empréstimos. Isso fez cair o número de compradores de imóveis, agravando ainda mais a crise no setor”. A oferta ampla de imóveis ocasionou uma desvalorização repentina, o que fez com que as pessoas, que até então conseguiam cumprir seus acordos com as instituições financeiras, tornassem inadimplentes forçando os bancos a cobrarem as hipotecas. Isso gerou mais instabilidade pois as empresas tinham muitos imóveis e não tinham pra quem vender, e já não possuíam dinheiro (em espécie) em caixa. Dessa forma afetando toda a economia norte-americana.

2.1.1 – Impactos na economia norte-americana

O comércio e o crédito imobiliário rendiam bons frutos e de certa forma desencadeou um aumento das condições de vida da população por um bom período, movimentando a economia norte-americana e dos outros países que exportavam matéria prima e produtos para os EUA.

Como mostra Versignassi (2011, p.270),

Era um dinheiro que não ficava guardado. A grana ia pra trocar de carro, colocar uma TV de LCD no quarto das crianças, comprar um terceiro ipod, conhecer o Rio de Janeiro... Cada residência americana chegou a ter quase 15 cartões de crédito em media, para sustentar a gastança.

As empresas americanas estavam supervalorizadas, ainda segundo Versignassi (2011, p.271) “o Google, por exemplo. Quem aplicou U\$\$10 mil ali em 2004, quando lançou suas ações no mercado, pode sacar U\$\$47 mil em 2008. Mas era questão de tempo para tudo mudar”.

A bolha imobiliária afetou a economia norte americana de forma que era difícil uma reversão imediata. A crise impactou em todos os bancos do país gerando perdas em grandes proporções, desencadeando uma série de problemas a nível internacional. Segundo Andrade (2008, s.p.),

Como forma de tentar amenizar os impactos na economia americana e mundial, o Federal Reserve (Banco Central dos Estados Unidos) procurou fazer consecutivos cortes na taxa de juros, que se encontrava em 5,25% há seis meses, e após o sexto corte consecutivo (último realizado no dia 18/03/2008), a taxa básica de juros da economia americana se encontra no menor patamar dos últimos anos, atingindo 2,25%.

Com as intervenções tidas pelo governo americano na taxa selic, a fim de proteger o sistema financeiro, houve um aumento da inflação e a queda expressiva da produção industrial no ano de 2008 pelo país. O gráfico a seguir mostra a curva negativa da produção industrial americana.

Gráfico 1 – Queda da produção industrial dos EUA



Fonte: O globo (2008, s.p.)

Em setembro de 2008, com a falência do banco Lehman Brothers, a situação ficou ainda pior, com a maior queda da bolsa dos Estados Unidos desde os atentados de 11 de setembro de 2001, quando a Bolsa de Nova Iorque teve perdas de 4,42% no índice Dow Jones, levando a uma perda estimada em US\$ 600 bilhões no valor de mercado das empresas norte-americanas.

Segundo site O Globo (2008, s.p.),

O Lehman Brothers é considerado um dos maiores operadores de empréstimos a juros fixos de Wall Street e havia investido fortemente em títulos ligados ao mercado do chamado subprime, o crédito imobiliário para pessoas consideradas com alto risco de inadimplência.

Mas os efeitos também não pouparam outras instituições tão grandes quanto o Lehman Brother gerando preocupação ainda maior. Como mostra Carvalho (2010, p.9),

O Bank of American, por sua vez, fechou um acordo de compra do banco de investimentos Merrill Lynch, que estava sob risco de falência, por 50 bilhões. O quinto maior banco de investimentos dos EUA o Bear Stearns recebeu uma proposta de compra do JP Morgan para evitar a falência por causa de empréstimos de alto risco. No mesmo dia as ações da grande corporação American International Group Inc. (AIG), a maior empresa de seguros dos EUA, caíram 60% na abertura do mercado.

Com a falência do banco e a grande quantidade de títulos públicos emitidos pelo governo a fim de evitar o colapso também de empresas e outros bancos que estavam em dificuldade, o país acabou se endividando, abalando a confiança dos investidores, ameaçando o cumprimento de suas obrigações, com o risco de um possível calote.

As instituições retraíram e a oferta de crédito ficou cada vez mais escassa. O crédito desapareceu e isso teve resultado imediato, havendo uma profunda queda da produção industrial, “registrando uma baixa de 2,8%, o maior retrocesso desde dezembro de 1974” UOL (2008, S.P.)

Segundo artigo publicado por Andrade (2008, s.p.) no site da Revista Portuária Economia e Negócios:

Os impactos da crise se alastraram para outros setores da economia, como no consumo (principal motor da economia americana, responsáveis por dois terços da economia do País) Com a queda do consumo, a consequência é o aumento dos índices de desemprego devido a desaceleração do setor produtivo. Segundo o Departamento de Trabalho do Governo dos EUA, em fevereiro, 4,8% da população (cerca de 7,4 milhões de pessoas) norte-americana estava desempregada, fazendo com que os pedidos de seguro-desemprego aumentem no país, ficando em 378.000 somente em março.

Conforme o autor do artigo, o impacto interno tomou grandes proporções, e o desemprego com a produção do país afetada, foi um fator relevante para tornar os efeitos da crise imobiliária mais intensos na economia norte americana.

Até que em outubro de 2008 o governo norte americano resolve implantar um plano emergencial para socorrer todo o setor financeiro, liberando U\$\$ 700 bilhões para os outros bancos do país não quebrarem. A crise se expandiu causando problemas no comércio exterior, uma vez que freou as movimentações entre os países.

2.2 – Efeitos nas relações comerciais entre países

A crise e consequentemente a restrição do crédito junto à diminuição do consumo devido ao aumento do índice de desemprego, ocasionaram efeitos negativos e impactaram diretamente nas relações comerciais entre os países. Os Estados Unidos é um dos países que mais importam produtos e com a redução do

dinheiro em circulação associado a uma política restritiva, o país passou a consumir menos, buscando formas de estabilizar sua economia, o que forçou a queda da produção interna e da importação afetando o comércio mundial. Andrade (2008, s.p) afirma-se o seguinte:

O que prejudicaria não só o Brasil, mas muitos países do mundo, seria a queda no preço de commodities, pois grande parte das exportações brasileiras são de commodities como soja, minério, etc. Para alguns economistas como Luciano Coutinho, presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), “A demanda por investimentos e a venda de máquinas continuam firmes e isso é um retrato da confiança do investidor e demonstração de que a economia vai bem”; para o presidente do BNDES, o preço das commodities só cairia se a crise chegasse a afetar a economia asiática, mesmo assim, as cotações cairiam aos patamares do ano passado.

Os efeitos da crise refletiram nas relações de forma que os outros países ficassem com receio devido a desestabilização do sistema econômico norte-americano. Com a economia endividada um dos principais bancos falido, causava uma desconfiança no mercado, era nítido a instabilidade a falta de liquidez dos bancos e com os excessos de títulos públicos distribuídos no mercado, o risco do país só aumentava.

Com esses fatores alavancando ainda mais a crise, a moeda americana começou a perder valor frente as moedas de outros países, então com o dólar comercial relativamente mais baixo as exportações dos outros países eram forçadas a reduzir. Com o dólar barato aumenta o número de importações o que reduz a produção interna, ocasionando uma instabilidade gerando queda de produção e consequentemente desemprego, isso reflete no consumo causando crise interna e então impactando nas relações comerciais entre os países. Segundo Prates (2010, s.p.),

O efeito-contágio da crise sobre as regiões emergentes ocorreu mediante vários canais de transmissão que derivam das múltiplas relações de interdependência entre as economias emergentes e avançadas, envolvendo seja a conta corrente (queda dos preços das *commodities* e da demanda mundial e aumento das remessas de lucros pelas empresas e bancos), seja a conta financeira (menor ingresso de investimento direto, saída dos investimentos de portfólio, interrupção das linhas de crédito comercial e forte contração dos empréstimos bancários)

Dessa forma a crise se espalhou pelo sistema econômico mundial reduzindo e ocasionando vários prejuízos e preocupações.

Segundo dados divulgados pela Revista Portuária (2008, s.p.) “No total, a diferença entre as importações e as exportações americanas caiu 28%, a maior em 12 anos, influenciada por todo o barateamento do petróleo importado.”

Ainda conforme dados divulgados pela Revista Portuária (2008, s.p.)

Em novembro, os consumidores americanos adquiriram 12% menos bens e serviços de outros países, e as exportações americanas foram as menores em quase três anos. Os números do Governo mostram que as importações ficaram em US\$ 183,2 bilhões, seu nível mais baixo em dois anos e meio. A economia dos Estados Unidos entrou em recessão em dezembro de 2007, com queda dos preços e do crédito que levam consumidores e empresários no mundo todo a cortar suas despesas. O superávit dos países da América Latina e do Caribe em seu comércio de bens com os Estados Unidos caiu 54,5% em novembro, ficando em US\$ 2,704 bilhões, segundo o Departamento de Comércio. Por sua parte, o superávit dos países da União Européia (UE) em seu comércio de bens com os Estados Unidos caiu 41% em novembro em relação a outubro, ficando em US\$ 5,598 bilhões. Os países da União Européia geram pouco mais de 11% do déficit no comércio exterior de bens dos Estados Unidos, que somou, nos 11 primeiros meses do ano passado, US\$ 751,175 bilhões.

Como pode-se observar, a crise afetou todo o sistema econômico mundial gerando desconfiança e uma forte retração no mercado. Ainda segundo a Revista Portuária (2009, s.p.),

A crise financeira transformou-se em uma crise na economia real e políticos já alertam para a terceira fase: a crise social. Na Europa, são quase 10 mil novas demissões a cada dia. Nos EUA, relatório apontou a perda de mais de 1,2 milhão de postos de trabalho entre janeiro e novembro e considerou esse o principal fator para determinar que o país está em recessão desde dezembro do ano passado. No Brasil, os indicadores de emprego ainda resistem, mas o desaquecimento da atividade provocado pela crise global já dá sinais de que esse quadro pode ser afetado.

A crise na economia americana desencadeou em todos os demais países um problema com desemprego frente a retração do comércio mundial. Organizações com esse período de instabilidade foram forçadas a reduzir custos, isso refletiu nos trabalhadores que por hora foram dispensados no mundo todo.

Como mostra Revista Portuária (2009, s.p.),

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) estima que o número de desempregados nos países que integram a organização poderá aumentar em 8 milhões nos próximos dois anos apenas. O desemprego poderia subir dos atuais 34 milhões para 42 milhões até 2010.

Isso intensificou ainda mais os problemas dos países afetando a economia e gerando preocupação, dificultando as chances de retomada das relações entre os países e de estabilização da economia mundial.

A crise modificou todo o comércio internacional alterando as características do setor também no Brasil, impondo mudanças e exigindo precauções e estratégias para contornar os efeitos no comércio exterior brasileiro.

3 – CARACTERÍSTICAS DO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO NO PERÍODO DE 2007 A 2012

No ano de 2008 a economia global foi marcada por uma grande crise, a qual impactou não só o Brasil mas o mundo todo. Este último capítulo tem o objetivo de analisar o comércio exterior brasileiro e mostrar alguns fatores que caracterizaram o setor, além de comentar perspectivas para os próximos anos.

3.1 – Dados do comércio exterior brasileiro no período

No ano de 2008, período que se iniciou a instabilidade da economia americana devido a crise no seu setor imobiliário, o Brasil possuía uma relação comercial estável. O comércio exterior tinha bons resultados segundo MDIC (2013, s.p.) “apresentando um aumento de 32,% sobre o ano de 2007.” isso atraiu a atenção de investidores do mundo todo, o que gerou investimentos no país fazendo com que a balança comercial brasileira operasse em alta, exibindo segundo relatório divulgado pelo site do MDIC (2013, s.p.), “um superávit de US\$ 40 bilhões”.

Neste ano inicial da crise na economia norte americana, que posteriormente se espalharia na economia global a balança comercial brasileira se manteve em crescimento, segundo relatórios exibidos no site MDIC (2013, s.p.), apresentava que:

Em 2008, o comércio exterior brasileiro manteve-se em expansão, com a corrente do comércio alcançando cifra recorde de US\$ 371,1 bilhões significando um aumento de 32% sobre 2007.

O Brasil até então nesse ano de 2008, não sofreu tanto com efeitos da crise, que nesse momento se alastrava aos poucos pelas demais economias afetando o comércio e desestabilizando a economia mundial.

Ainda segundo o site do MDIC (2013, s.p.), “este recorde no ano de 2008 indica o prosseguimento do nível de abertura da economia e a maior inserção do Brasil no comércio mundial”. Já no ano de 2009 a crise já afetava toda a economia mundial, impactando no comércio exterior brasileiro.

Dados da balança comercial brasileira divulgados pelo site MDIC (2013, s.p.) apontavam que,

Nos seis primeiros meses de 2009, o comércio exterior brasileiro registrou corrente de comércio de US\$125,9 bilhões, com redução de 25,3% sobre igual período de 2008, quando atingiu US\$170 bilhões.

A crise se expandiu aos demais países, impactando na economia mundial forçando uma retração financeira. Ainda segundo dados apresentados pelo site do MDIC (2013.s.p) “Essa retração é consequência da crise financeira internacional, que levou a uma depreciação dos preços internacionais de commodities agrícolas e minerais e queda da demanda por bens”.

Com fontes de reserva que alcançaram a “U\$\$ 206 bilhões de dólares em 2008, e U\$\$239 bilhões de dólares no ano de 2009” Martello (2012, s.p.), que foram suficientes para suportar a crise, o Brasil conseguiu sustentar sua economia mesmo com a queda do comércio internacional amenizando os efeitos da crise.

No ano de 2010 o site do MDIC (2013, s.p) colocava que, “em 2010, o comércio exterior brasileiro registrou corrente de comércio recorde de US\$ 383,6 bilhões”. Segundo o site começava então uma estabilização do mercado, com uma recuperação de U\$\$ 257,7 bilhões no seu comércio exterior em comparação ao ano de 2009 conseguindo então um retorno do crescimento.

Segundo dados apresentados no site do MDIC (2013.s.p), “este crescimento significativo indica a retomada das vendas externas brasileiras e a recuperação da economia nacional”.

Retornando as negociações o comércio exterior estabilizava-se tendo o Brasil já no ano de 2011 registrado segundo dados divulgados pelo IBGE *apud* G1(2012 s.p.) “um crescimento de 2,7% da economia brasileira.” Tornando o comércio exterior brasileiro a se estabelecer as condições de alavancagem da exportação e importação. Segundo o site G1 (2012, s.p.),

Também foram anunciados os números do desempenho do setor externo. Em 2011, as exportações cresceram 4,5%, e as importações, 9,7% devido, principalmente, segundo o IBGE, ao “quadro de valorização do real verificado entre 2010 e 2011”.

Como pode-se então observar, o ano de 2011 deu início a retomada do crescimento nacional com o saldo comercial segundo MDIC (2013, s.p.) “de US\$ 29,8

bilhões em 2011”, voltando o país as negociações externas retomando suas exportações e importações, obtendo então mais um saldo positivo da balança comercial. Já no ano de 2012 o país voltou a apresentar um crescimento menor, sendo de apenas 0,9%, segundo site G1 (2013, s.p.):

O resultado que ficou muito longe dos 4% esperados pelo ministro da fazenda, Guido Mantega, no final de 2011, apesar das várias medidas de estímulo anunciadas ao longo do ano foi o pior desde 2009, quando o Produto Interno Bruto (PIB) havia registrado recuo de 0,3%.

Nesse ano então como mostra o site G1, com uma retração se comparado a 2011 o país cresceu menos que o esperado pelo ministro da fazenda Guido Mantega. Ainda segundo o site G1 (2013, s.p.),

No quarto trimestre de 2012, comparando com o mesmo período do ano anterior, o Brasil ficou com o pior desempenho entre os Brics³, 1,4%, contra 7,9% da China, 4,5% da Índia, 2,5% da Rússia, e 2,2% da África do Sul, segundo o IBGE.

Tendo o desempenho menor por causa dos efeitos da crise nas demais economias e pelos adiamentos feito pelo governo de leilões de grandes obras de infraestrutura como por exemplo o adiamento do leilão dos aeroportos de Guarulhos, Campinas e Brasília e as dúvidas quanto a rentabilidade de projetos, além da falta de garantias destes, estão entre os principais fatores que desestimulam ou retardam os investimentos e, conseqüentemente, impedem um avanço da economia do país. Neste contexto torna-se importante destacar os principais produtos das pautas de importação e exportação pelo país.

3.2 - Principais produtos das pautas de importação e exportação brasileiras

Com o Brasil cada vez mais buscando uma inserção cada vez maior no comércio internacional, é muito importante estabelecer relações com outros países de forma a obter um comércio exterior efetivo com maior variedade de produtos exportados pelo país.

³ Brics: Brics é um agrupamento econômico atualmente composto por cinco países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. BRASIL ESCOLA (2013, s.p.)

No que se refere a pauta de importação, relatório divulgado pelo site MDIC (2013, s.p.) aponta que: “Do lado das importações, as compras de matérias primas e intermediários representam 43,6% da pauta total”.

Conforme o site, o país possui a maior parcela de suas importações voltadas a atividade produtiva, tendo como principais o produtos petróleo bruto, eletrônicos e peças para veículos.

No ano de 2007 o Brasil teve suas importações segundo site MDIC (2013, s.p.) “voltadas à compra de matérias primas e intermediários representando 49,3% da pauta total, a de bens de capital 20,8%”. O site Brasil Escola (2013, s.p.) aponta que:

O Brasil é um país que apresenta uma economia sólida, é exportador de uma grande variedade de produtos, fato que fortalece sua economia. As atividades de agropecuária, indústria e serviços são bem atuantes e contribuem para o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto). Em 2008, o PIB brasileiro apresentou crescimento de 5,1% em relação à produção de 2007, a quantia totalizada foi de R\$ 2,889 trilhões.

Segundo o site o país que dispõe de uma estrutura concisa da sua economia, ano pós ano fortalece seu comércio internacional trazendo resultados positivos para o PIB, aumentando sua produção e implementando novos produtos. Ainda conforme o site Brasil Escola (2013, s.p.),

As exportações atingiram em 2008 a quantia de US\$ 197,9 bilhões, e as importações US\$ 173,2 bilhões, o saldo da balança comercial (diferença entre exportação e importação) foi de US\$ 24,7 bilhões, ou seja, o país exportou mais que importou.

Os produtos que mais se destacam desde o ano 2008 nas exportações brasileiras segundo Francisco (2013, s.p) são: “minério de ferro, aço, soja e derivados, automóveis, açúcar de cana, aviões, carne bovina, café e carne de frango”. Subdivididos em bens de capital como exemplo máquinas e ferramentas; bens de consumo que são produtos alimentícios, bebidas e tabaco; combustíveis, lubrificantes e matéria prima. Como mostra Gerbelli (2012, s.p.),

Entre 2006 e 2011, puxada pelas commodities, a receita de exportação do Brasil aumentou de US\$ 135,9 bilhões para US\$ 256 bilhões. Em 2012, o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) definiu US\$ 264 bilhões como a meta de exportação, valor 3,1% maior que o do ano passado.

Segundo o autor, isso aponta a relevância e a perpetuação das commodities como principal produto da pauta de exportação, que já no ano de 2012 representaram 70% das exportações do país.

Como mostra o site Economia BR (2013, s.p.):

O Brasil já é hoje o maior exportador mundial de café, cana-de-açúcar, laranja e tabaco. Além disso, desde 2003 passou a ser também o 1º em soja, frango (desde dezembro de 2003) e carne bovina (desde junho de 2003). E é o 3º em produção de frutas e de milho.

Esses dados apontam a interação do país com as demais economias e o grande fluxo de produtos, impactando no seu crescimento de forma positiva e assim desempenhando um papel importante para o destaque do Brasil em âmbito mundial. Desse modo as expectativas devem ser analisadas para que alguns problemas sejam observados e sanados tornando melhorando as perspectivas do comércio internacional brasileiro.

3.3 – Perspectivas para o setor nos próximos anos

O Brasil é um país que possui uma economia estável e ainda emergente. Com a abertura comercial e relações cada vez mais amplas, o Brasil tem conseguido destaque no mercado internacional o que favorece ainda mais a ascensão de sua economia. Contudo, algumas questões devem ser observadas com cautela pois ainda assim o país tem alguns pontos a serem tratados afim de melhorar seu comércio a âmbito internacional.

Segundo a jornalista Cláudia Safatle *apud* TCU (2013, s.p.)

O país só apresenta crescimento quando o mundo, de forma geral, também está crescendo. “Na época de bonança, todos crescem”. Na época de desaceleração, os que estão na lanterna são os que mais pagam.

Como afirma a jornalista, o Brasil tem mantido crescimento quando as outras economias mais fortes estão bem, e isso oferece risco a países emergentes. Este é um ponto que merece ser tratado com atenção uma vez que o mercado tem suas variações, e suas oscilações nem sempre tendem ao lado positivo podendo em épocas de instabilidade vir a trazer riscos ao país. Deve-se procurar desenvolver o

crescimento econômico de forma independente suportando as possíveis crises no mercado. Segundo Freitas (2013, s.p.),

Hoje a economia é mais complexa e diversificada, apresentando exportações de produtos industrializados e processados (semimanufaturados), calçados, suco de laranja, tecidos, combustíveis, bebidas, alimentos industrializados, caldeiras, armamentos, produtos químicos, veículos de todo tamanho e suas respectivas peças de reposição e aviões.

O crescimento contribui para a obtenção de outros objetivos econômicos, como maior emprego e melhor distribuição de renda e riqueza. O crescimento pode ainda ser conciliado com a estabilidade econômica, de modo que um processo fortaleça o outro.

As expectativas para os próximos anos são positivas, mas algumas questões ainda devem ser melhoradas ou corrigidas, como o escoamento da produção pelos portos no país que tem enfrentado dificuldade para o transporte dos produtos produzidos aqui, na parte portuária e na rodoviária de forma a obter uma maior agilidade no escoamento da produção. Como mostra Fernandes (2012, s.p.),

Quando se fala em logística e infraestrutura de transportes e armazenagem, a situação é diferente. Se há algo que pesa nos custos de produção e impede o agronegócio brasileiro de ser ainda mais competitivo, são os problemas enfrentados por quem produz na hora de escoar a safra. Os produtores rurais da região Centro-oeste são os que encontram maior dificuldade para escoar a safra. A dependência das rodovias e a falta de investimentos nas ferrovias e hidrovias resultam em custos mais elevados.

Mas o crescimento tem sido alcançado e nossa economia que até então possui uma política consistente vai melhorando sua posição no mercado internacional. Dados divulgados pelo site do MDIC (2013, s.p.) já mostram que no primeiro semestre deste ano o comércio exterior brasileiro teve novamente corrente de comércio recorde, “tendo uma ampliação de 2% sobre igual período de 2012”, uma ampliação pequena para o semestre o que se deu devido ao fato de as exportações terem uma retração.

Como aponta o site MDIC (2013, s.p.),

As exportações encerraram o semestre com valor de US\$ 114,4 bilhões e as importações, com US\$ 117,5 bilhões. Em relação a 2012, as exportações apresentaram retração de 2,4%, e as importações cresceram 6,7%. A diminuição da receita de exportação se deve à queda de 2,5% do índice de preços, devido ao recuo das cotações de commodities.

Como as commodities detêm uma parcela significativa no PIB, a queda dos preços retraiu o comércio, fazendo com que sua cotação refletisse no PIB do Brasil. O site FIESP (2013, s.p.) mostra que “As exportações brasileiras vêm caindo este ano frente a um cenário externo incerto. A China, principal parceiro comercial brasileiro, está desacelerando.” Com essa afirmação o comércio não só do Brasil mas também do exterior se vê receoso frente a essa desaceleração.

De qualquer forma o Brasil tem possibilidade de contornar possíveis situações, buscando uma política consistente e aumentando ainda mais as reservas cambiais. Então podemos esperar que o país prossiga seu crescimento e de tal maneira estando preparado para qualquer instabilidade ou crise do mercado mundial, que afeta todos os países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia brasileira nos anos de 2007 e 2008 apresentou resultados positivos, fruto de uma política consistente, uma maior abertura da economia e sua inserção no comércio exterior, fato que fez com que os efeitos trazidos pela crise ao país fossem menos atenuantes. A balança comercial estava positiva, o que tinha grande parte dos créditos voltados a estabilidade econômica e a gama de produtos que o país até então exportava ao exterior, favorecendo sua posição no mercado internacional.

Contudo, a economia global foi surpreendida por uma crise que iniciou nos EUA no mercado imobiliário, e posteriormente teve seus efeitos difundidos a todo o mundo, mas que só atingiu o Brasil com maior ênfase no ano de 2009. A crise afetando a economia mundial, fez com que o comércio exterior fosse reduzido devido ao receio principalmente nas economias maiores, como os países da Europa e da Ásia. Com o mercado financeiro sob risco, uma vez que a economia norte-americana é referência em todos os mercados e a que detém uma grande parte das importações mundiais, os países se viram forçados a reduzir sua produção.

Portanto, respondendo ao problema de pesquisa, observa-se que a crise trouxe problemas a economia do país, e a queda do comércio exterior foi relevante, uma vez que no ano de 2009 reduziu 25,3% se comparado com 2008. Com o comércio exterior abalado as relações comerciais do país foram afetadas diminuindo as vendas e impactando a balança comercial brasileira. Com isso houve um receio não só da população, mas de todos os outros países que diminuíram a importação de produtos brasileiros. Isso gerou problemas internos, tendo a exportação afetada, as indústrias brasileiras tiveram que diminuir sua produção, as montadoras automobilísticas por exemplo reduziram mais de 30% sua produção, a população do país freou o consumo deixando de movimentar a economia, gerando ainda mais demissões, prejudicando o crescimento da do país.

A crise também causou a queda da bolsa de valores e redução do crédito oferecido a população, haja vista a recessão vivida pelas instituições bancárias. Porém, a economia global teve uma recuperação no ano de 2010 e 2011 retomando o comércio exterior e exibindo novos recordes. Voltando no ano de 2012 a

apresentar um crescimento menor devido aos efeitos da crise em outros países que não estavam tão preparados.

O país foi o que conseguiu contornar os impactos da crise vivida no ano de 2008, o Brasil reduziu taxas de juros incentivando a economia favorecendo e proporcionando melhores condições a população. Devido ao fato do sucesso permitido nos anos anteriores, que possibilitaram o aumento esplendido de reservas cambiais, que foram o destaque para suportar a instabilidade global.

As perspectivas para a economia brasileira nos próximos anos são positivas, uma vez que apresenta um sistema econômico conciso, tem uma boa reserva cambial, necessária para suportar possíveis instabilidades econômicas, e as medidas do governo vem favorecendo a inserção no mercado internacional. Mas ainda há questões internas que necessitam ser melhoradas, sendo que uma importante está relacionada ao escoamento da produção do país, que ainda é falha. O Brasil ainda não dispõe de uma estrutura portuária eficiente o que ocasiona grande atraso no transporte de produtos para outros países. Além disso, a maior parte da produção é movimentada internamente através da malha rodoviária, e de igual modo é necessário grande investimento uma vez que a estrutura não é das melhores.

Com a realização de investimentos nesse setor, o país ganhará ainda mais espaço no mercado internacional. Com o fluxo de bens a serem exportados com maior agilidade, o produtor consegue transportar sua produção sem perca de tempo nas estradas e nos portos, o que poderá possibilitar um aumento no comércio com os outros países gerando capital fazendo com que o país melhore sua posição no mercado global.

Por fim, deve-se saber que uma nova crise em um mercado importante para a economia mundial pode vir a surgir no futuro, e afetar todo o sistema econômico. Neste contexto, cabe aos interessados no assunto darem continuidade ao estudo iniciado completando-o com pesquisas relacionadas aos anos subsequentes.

REFERÊNCIAS

AVERBUG, André. *Abertura e Integração Comercial Brasileira na Década de 1990*. Disponível em

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro/eco90_02.pdf > acesso em 27 jul.2013

AZEVEDO, André Filipe;PORTUGAL, Marcelo S. *Abertura Comercial Brasileira e Instabilidade da Demanda de Importações*. Disponível em

<http://www.ufrgs.br/PPGE/pcientifica/1997_05.pdf> acesso em 03 set. 2013

ANDRADE, Renan Schaefer. *A crise econômica norte americana*. Disponível em <<http://www.revistaportuaria.com.br/site/?home=artigos&n=zSo>> acesso em 22 set. 2013

BRUM, Argemiro J.O *Desenvolvimento Econômico Brasileiro* .24ªed.Petrópolis-RJ:vozes,2005

Brasil Escola.(2012). *Economia do Brasil*. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/brasil/economia-brasil.htm> > acesso em 21 out 2013

CABRAL, Marcelo. (2008). *Brasil ainda é país fechado para comércio, dizem analistas*. Disponível em

<http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL635244-9356,00-BRASIL+AINDA+E+PAIS+FECHADO+PARA+COMERCIO+DIZEM+ANALISTAS.htm l>acesso em 02 ago.2013

CARVALHO, David Ferreira. *A crise financeira dos EUA e suas prováveis repercussões na economia global e na America latina*. Disponível em

<<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/encontros/2010/05.pdf>> acesso em 25 set. 2013

Economia BR.2013. *As exportações brasileiras*. Disponível em <http://www.economiabr.com.br/Eco/Eco_exportacao_agro_produtos.htm> acesso em 19 out 2013

FREITAS, Eduardo. *Mundo educação*. Disponível em <<http://www.mundoeducacao.com/geografia/comercio-externo-brasileiro.htm>> acesso em 06 nov. 2013

FIESP. Disponível em < <http://www.fiesp.com.br/imprensa/cambio-e-comercio-internacional-quais-sao-as-perspectivas-do-brasil-para-2013/> > acesso em 30 Out 2013

FERNANDES, Melina. *Escoamento da produção e um dos grandes problemas do agronegócio*. Disponível em <<http://agricultura.ruralbr.com.br/noticia/2009/08/escoamento-da-producao-e-um-dos-grandes-problemas-do-agronegocio-2617991.html>> acesso em 30 Out 2013

G1 economia. 2012. *Economia brasileira cresce 2,7% em 2011, mostra IBGE*. Disponível em <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/03/economia-brasileira-cresce-27-em-2011-mostra-ibge.html>> acesso em 19 out 2013

GERBELLI.(2012). *Seis produtos são responsáveis por metade das exportações brasileiras*. Disponível em <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,seis-produtos-sao-responsaveis-por-metade-das-exportacoes-brasileiras,105640,0.htm>> acesso em 19 out 2013

MAIA,Jayme de Mariz. *Economia Internacional e Comércio Exterior*. 3ªed. São Paulo:Atlas, 1997

MDIC. Disponível em <<http://WWW.desenvolvimento.gov.br//sitio/interna.php?area=5&menu=57>>. Acesso em 20 out 2013

MARTELLO, Alexandro. *O Brasil passa coreia do sul e se torna sexto país com mais reservas cambiais*. Disponível em
<<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/07/brasil-passa-coreia-do-sul-e-se-torna-6-pais-com-mais-reservas-no-mundo.html>> acesso em 30 out 2013

PASSOS ,Carlos Roberto Martins; NOGAMI,Otto.*Princípios de Economia*.4ªed.São Paulo, 2002

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELOS, Marco Antonio S.*Manual de Economia*.5ªed.Sao Paulo: Saraiva, 2005

PRATES, Daniela Magalhães. *O efeito-contagio da crise global sobre os países emergentes*. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572011000200009> acesso em 25 set. 2013

O GLOBO. *Entenda a quebra do banco Lehman Brothers*. Disponível em <
<http://oglobo.globo.com/economia/entenda-quebra-do-banco-lehman-brothers-3831237>> acesso em 20 set 2013

RACY, Joaquim Carlos. *Introdução a Gestão de Negócios Internacionais*.1ªed.São Paulo:Thomson,2006

ROSSETTI, José Paschoal.*Introdução a Economia*. 20ªed.São Paulo:atlas, 2007

SOUZA,Nilson Araújo. *Economia Brasileira Contemporânea*.1ªed. São Paulo: Atlas, 2007

REVISTA PORTUÁRIA. Disponível em
<<http://www.revistaportuaria.com.br/site/?home=noticias&n=CqSNd&t=deficit-comercial-dos-eua-cai-menor-valor-5-anos>> acesso em 25 set. 2013

REBOUÇAS, Fernando.(2013). *Crise Financeira nos EUA*. Disponível em:<<http://www.infoescola.com/economia/crise-financeira-nos-eua/>>Acesso em 20 jun.2013

TROSTER, Roberto Luis; MOCHÓN,Francisco.*Introdução a Economia*.1ªed. São Paulo: Makron,1999

VERSIGNASSI, Alexandre. *Crash: Uma breve história da economia- da Grécia antiga ao século XXI*.1ªed. São Paulo: Leya, 2011